



Guerreiro da Luz - Volume 2
Coelho, Paulo

Published: 2008

Categorie(s): Fiction, Short Stories

Source: Feedbooks

About Coelho:

The Brazilian author PAULO COELHO was born in 1947 in the city of Rio de Janeiro. Before dedicating his life completely to literature, he worked as theatre director and actor, lyricist and journalist. In 1986, PAULO COELHO did the pilgrimage to Saint James of Compostella, an experience later to be documented in his book *The Pilgrimage*. In the following year, COELHO published *The Alchemist*. Slow initial sales convinced his first publisher to drop the novel, but it went on to become one of the best selling Brazilian books of all time. Other titles include *Brida* (1990), *The Valkyries* (1992), *By the river Piedra I sat Down and Wept* (1994), the collection of his best columns published in the Brazilian newspaper *Folha de São Paulo* entitle *Maktub* (1994), the compilation of texts *Phrases* (1995), *The Fifth Mountain* (1996), *Manual of a Warrior of Light* (1997), *Veronika decides to die* (1998), *The Devil and Miss Prym* (2000), the compilation of traditional tales in *Stories for parents, children and grandchildren* (2001), *Eleven Minutes* (2003), *The Zahir* (2005), *The Witch of Portobello* (2006) and *Winner Stands Alone* (2009). Paulo Coelho is also a pioneer and has expanded his presence in the internet with his daily blogs in Wordpress, Myspace & Facebook. He is equally present in media sharing sites such as Youtube and Flickr, offering on a regular basis not only texts but also videos and pictures to his readers. From this intensive interest and use of the Internet sprang his bold new project: *The Experimental Witch* where he invites his readers to adapt to the screen his book *The Witch of Portobello*. Indeed Paulo Coelho is a firm believer of Internet as a new media and is the first Best-selling author to actively support online free distribution of his work.

Also available on Feedbooks for Coelho:

- *Histórias para os pais, filhos, e netos - Volume 1* (2008)
- *Guerreiro da Luz - Volume 1* (2008)
- *O Caminho Do Arco* (2008)
- *Histórias para os pais, filhos, e netos - Volume 2* (2008)
- *Guerreiro da Luz - Volume 3* (2008)

Copyright: Please read the legal notice included in this e-book and/or check the copyright status in your country.

Note: This book is brought to you by Feedbooks

<http://www.feedbooks.com>

Strictly for personal use, do not use this file for commercial purposes.

Diálogos com o Mestre

A Viagem

Durante recente mudança para o novo apartamento, descobri uma série de anotações de conversas minhas com J., que pertence a ordem R.A.M. , uma pequena confraria dedicada a estudar a tradição oral e a linguagem simbólica do mundo. Estas notas cobrem nossos encontros no período de Fevereiro, 1982 até 1990.

Recentemente perguntei a ele se poderia compartilhar parte destes textos; ele concordou. Transformei os textos em diálogos para melhor compreensão, e que as palavras de J. não são exatamente as que ele usou, embora o conteúdo seja absolutamente fiel ao que escutei.

Os textos não estão em ordem exata. Resolvi começar com algumas de nossas conversas de 1986, quando ele insistia para que eu fizesse o Caminho de Santiago.

- Você diz que fazer o Caminho de Santiago é importante. Para isso, preciso largar tudo por algum tempo: família, emprego, projetos. E não sei se vou encontrar a mesma situação quando voltar.

- Espero que não encontre.

- Então, devo arriscar-me a perder tudo que consegui até agora?

- Perder o que? Um homem só tem sua alma para ser ganha ou perdida; além da vida, ele não possui mais nada. Não importa as vidas passadas ou futuras - no momento você está vivendo esta, e deve fazê-lo com compreensão silenciosa, alegria, e entusiasmo. O que você não pode perder é o entusiasmo.

- Eu tenho uma mulher, que amo.

- (rindo) Esta é sempre a desculpa mais comum, e a mais tola possível. O amor nunca impediu o homem de seguir seus sonhos. Se ela realmente o ama, vai querer o melhor para você. Além do mais, você não tem uma mulher que ama; a mulher não é sua. O que é seu é a energia do amor, que você dirige para ela. Você pode fazer isso de qualquer lugar.

- E se eu não tivesse dinheiro para fazer a peregrinação?

- Viajar não é sempre uma questão de dinheiro, mas de coragem. Você passou grande parte da sua vida correndo o mundo como hippie: que dinheiro tinha, então?

Nenhum. Mal dava para pagar a passagem, e mesmo assim acredito que foram alguns dos melhores anos de sua vida - comendo mal, dormindo em estações de trem, incapaz de se comunicar por causa da língua, sendo obrigado a depender dos outros até mesmo para descobrir um abrigo onde passar a noite.

“Viajar é sagrado; a humanidade viaja desde a noite dos tempos, em busca de caça, de pasto, de climas mais amenos. São raros os homens que conseguem compreender o mundo sem sair de suas cidades. Quando você viaja - e eu não estou falando em turismo, mas na experiência solitária da viagem - quatro coisas importantes acontecem em sua vida:

a] você está em um lugar diferente. Então, as barreiras protetoras já não existem mais. No começo isso dá muito medo, mas em pouco tempo você se acostuma, e passa a entender quanta coisa interessante existe além dos muros de seu jardim.

b] porque a solidão pode ser muito grande e opressora, você está mais aberto a com pessoas com quem nunca trocaria uma palavra, se estivesse em sua casa - garçons, outros viajantes, empregados de hotel, o passageiro sentado ao seu lado no ônibus.

c] você passa a depender dos outros para tudo: arranjar um hotel, comprar algo, saber como tomar o próximo trem. Descobre então que nada há de errado em depender dos outros - muito pelo contrário, isto é uma benção

d] você está falando uma língua que não compreende, usando um dinheiro que não sabe o valor, caminhando por ruas que nunca passou antes. Você sabe que o seu Eu antigo, com tudo que aprendeu, é absolutamente inútil diante destes novos desafios - e começa a descobrir que, enterrado lá no fundo de seu inconsciente, existe alguém muito mais interessante, aventureiro, aberto para o mundo e para experiências novas.

“Viajar é a experiência de deixar de ser quem você quem você se esforça para ser, e se transformar naquilo que você é.”

Sexo

- Por que o sexo se transformou em um tabu?

- Porque é um processo de alquimia: ele transforma em um gesto físico toda uma gigantesca manifestação de energia espiritual, chamada amor.

“Não podemos entender o sexo como o vemos hoje - uma simples resposta a alguns estímulos físicos. Na verdade, ele é muito mais que isso, e carrega consigo toda a carga cultural do homem e da humanidade. Cada vez que estamos diante de uma nova experiência, trazemos todas as nossas experiências passadas - boas ou más - e os conceitos que a civilização transformou em regras.

“Não pode ser assim, é preciso descondicionar o cérebro para que cada experiência sexual seja única, assim como cada experiência amorosa é única.”

- Muito difícil.

- Muito. Mas é preciso tentar, porque a quase totalidade dos seres humanos necessita manter esta energia em movimento. Então, a primeira coisa é entender que ela é composta de dois extremos, que vão caminhar juntos durante todo o ato: relaxamento e tensão.

“Como colocar estes dois estados opostos em sintonia? Só existe uma maneira: através da entrega. Como entregar-se? Esquecendo os traumas do passado, e não tentando criar expectativas sobre o futuro - ou seja, o orgasmo. Como fazer isso?

Muito simples: não ter medo de errar.

“Na verdade, na maioria das vezes, já entramos numa relação sexual pensando que tudo pode dar errado. Mesmo que fosse assim, que importância tem isso? Basta você estar consciente de que precisa dar o melhor de si, e o errado se transforma em certo.

“A medida que a busca do prazer é feita com entrega, com sinceridade, sentimos que o corpo vai ficando tenso como a corda de um arqueiro, mas a mente vai relaxando, como a flecha que se prepara para ser disparada. O cérebro já não governa o processo, que passa a ser guiado pelo coração. E o coração utiliza os cinco sentidos para mostrar-se ao outro.

- Os cinco sentidos?

- Tato, olfato, visão, audição, paladar, todos estão envolvidos. É engraçado que, na maioria das relações sexuais, as pessoas tentam usar apenas o tato e a visão: agindo assim, empobrecem a plenitude da experiência.

- Os dois parceiros precisam saber isso tudo?

- Se um parceiro se entrega por completo, ele quebra o bloqueio do outro, por mais forte que seja. Porque o ato da entrega significa: “eu confio em você”. O outro, que a princípio está um pouco intimidado, querendo provar coisas que não estão em jogo, fica desarmado com a espontaneidade de tal atitude, e relaxa. Neste momento, a verdadeira energia sexual entra em jogo.

“E esta energia não está apenas nas partes que chamamos de “eróticas”. Ela se espalha pelo corpo inteiro, por cada fio de cabelo, pedaço de pele. Cada milímetro está agora emanando uma luz diferente, que é reconhecida pelo outro corpo, e se combina com ele.

“Quando isso acontece, entramos numa espécie de ritual ancestral, que é uma oportunidade de transformação. Um ritual, seja ele qual for, exige que você esteja pronto para deixar-se conduzir a uma nova percepção do mundo. É essa vontade que faz com que o ritual tenha sentido.”

- Não é muito complicado tudo isso?

- É muito mais complicado fazer sexo como o vemos ser feito hoje, um simples ato mecânico, que provoca tensão durante o ato, e um vazio no final. Tudo o que é espiritual se manifesta de forma visível, tudo que é visível se transforma em energia espiritual, não creio que seja complicado entender isso. Afinal, já nascemos sabendo que possuímos um corpo e uma alma: porque não entender que o sexo também as possui? “

- Já que precisamos mudar nossa atitude com relação ao sexo, qual o primeiro passo?

- Eu já disse: a entrega. As pessoas pensam que, antes de se permitirem qualquer prazer, precisam resolver todos os seus problemas, e não é bem assim. As pessoas só resolvem os seus problemas se permitirem ser elas mesmas.

“Existe, porém, uma coisa muito curiosa: no ato sexual somos extremamente generosos, e a maior preocupação é justamente com o parceiro. Pensamos que não vamos conseguir dar o prazer que ele merece - e a partir daí nosso prazer também diminui, ou desaparece por completo.”

- Não é um ato de amor, como você dizia?

- Depende. Na verdade, é um ato de culpa, de achar-se sempre aquém das expectativas dos outros. Numa situação como essa, a palavra “expectativa” precisa ser banida por completo. Se estamos dando o melhor de nós mesmos, não há por que se preocupar.

“É preciso ter consciência que, quando dois corpos se encontram, eles estão entrando juntos num território desconhecido. Transformar isso numa experiência cotidiana é perder a maravilha da aventura.

“Se, entretanto, nos deixamos guiar nesta viagem, terminaremos descobrindo horizontes que nunca podíamos imaginar que existissem. “

- Existe alguma chave?

- A primeira é: você não está sozinho. Se outra pessoa o ama, está sentindo as mesmas dúvidas, por mais segura que possa parecer.

“A segunda: abra a caixa secreta de suas fantasias, e não tenha medo de aceita-las. Não existe um padrão sexual, e você precisa encontrar o seu, respeitando apenas uma proibição: jamais fazer algo sem o consentimento do outro.

“A terceira: dê ao sagrado o sentido do sagrado. Para isso, é preciso ter a inocência de uma criança, e aprender a aceitar o milagre como uma benção. Seja criativo, purifique sua alma através de rituais que você mesmo inventa - como criar um espaço sagrado, fazer oferendas, aprender a rir junto com o outro, para quebrar as barreiras da inibição. Entenda que o que está fazendo é uma manifestação da energia de Deus.

“A quarta: explore o seu lado oposto. Se você é um homem, procure as vezes pensar e agir como uma mulher - e vice versa.

“A quinta: entenda que o orgasmo físico não é exatamente o único objetivo de uma relação sexual, mas uma consequência, que pode ou não acontecer. O prazer nada tem a ver com o orgasmo, mas com o encontro.

“A sexta: seja como um rio, fluindo entre duas margens opostas, como montanha e areia. De um lado está a tensão natural, do outro está o relaxamento completo.

“A sétima: identifique seus medos, e compartilhe com o seu parceiro.

“E, finalmente, a oitava: permita-se ter prazer. Assim como você está ansioso para dar, a outra pessoa também quer fazer o mesmo. Se, quando dois corpos se encontram, ambos querem dar e receber, os problemas desaparecem.

“Diz Alexander Lowen que o comportamento natural do ser humano é estar aberto à vida e ao amor. Entretanto, nossa cultura nos fez acreditar que não é assim, devemos estar fechados e desconfiados. Pensamos que, agindo desta maneira, não seremos feridos pelas surpresas da vida - mas na verdade, o que acontece é que não estamos aproveitando nada.”

O tédio

Estamos sentados num jardim, em uma cidade francesa.

- No fundo, as pessoas reclamam, mas adoram a rotina - eu disse.

- Claro, e a razão é muito simples: a rotina lhes dá a falsa sensação de que estão seguros. Assim, o dia de hoje será exatamente igual ao dia de ontem, e o amanhã não trará surpresas. Quando a noite chega, parte da alma reclama que nada de diferente foi vivido, mas a outra parte fica contente - paradoxalmente, pela mesma razão.

“Evidente que esta segurança é totalmente falsa; ninguém pode controlar nada, e uma mudança aparece justamente o momento mais inesperado, pegando a pessoa sem condições de reagir ou lutar.

- De somos livres para decidir que queremos uma vida igual, porque Deus nos força a mudá-la?

- O que é a realidade? É a maneira como a imaginamos que seja. Se muita gente “pensa” que o mundo é de tal e qual maneira, as coisas à nossa volta se cristalizam, e nada muda por algum tempo. Entretanto, a vida é uma evolução constante - social, política, espiritual, seja lá em que nível for. Para que as coisas evoluam, é necessário que as pessoas mudem. Como estamos todos interligados, as vezes o destino dá um empurrão naqueles que estão impedindo a evolução.

- Geralmente sob a forma de tragédia...

- A tragédia depende do modo que você a vê. Se escolheu ser uma vítima do mundo, qualquer coisa que lhe acontecer vai alimentar aquele lado negro de sua alma, onde você se considera injustiçado, sofredor, culpado e merecedor de castigo. Se escolher ser um aventureiro, as mudanças - mesmo as perdas inevitáveis, já que tudo neste mundo se transforma - podem causar alguma dor, mas logo vão lhe empurrar adiante, obrigando-o a reagir.

“Em muitas das tradições orais, a sabedoria é representada por um templo, com duas colunas na porta: estas duas colunas sempre tem nomes de coisas opostas entre si, mas para exemplificar o que quero dizer, chamaremos uma de Medo, outra de Desejo. Quando o homem está diante desta porta, ele olha para a coluna do Medo e pensa: “meu Deus, o que vou encontrar adiante?” Em seguida, olha para a coluna do Desejo e pensa: “Meu Deus, já estou tão acostumado com o que tenho, desejo continuar vivendo como sempre vivi”. E fica ali parado; isso chamamos de tédio.

- O tédio é...

- O movimento que cessa. Instintivamente, sabemos que está errado, e nos revoltamos. Nos queixamos com nossos maridos, esposas, filhos, vizinhos. Mas, por outro lado, sabemos que o tédio e a rotina são portos seguros.

- Uma pessoa pode passar a vida inteira nesta situação?

- Ela pode levar o empurrão da vida, mas resistir e continuar ali, sempre reclamando - e seu sofrimento foi inútil, não lhe ensinou nada.

“ Sim, uma pessoa pode continuar o resto dos seus dias diante de uma das muitas portas que deve ultrapassar, mas ela precisa entender que só viveu mesmo até aquele ponto. Pode continuar respirando, andando, dormindo, comendo - mas cada vez com menos prazer, porque já está morta espiritualmente e não sabe.

“Até que um dia, além da morte espiritual, aparece a morte física; neste momento, Deus perguntará: “o que você fez com a sua vida?” Todos nós temos que responder esta pergunta, e ai de quem disser: “fiquei parado diante de uma porta”.

O mistério

- O que estamos fazendo nesta Terra?

- Sinceramente? Não sei. Já procurei em muitos cantos, em lugares iluminados e escuros; hoje estou convencido que ninguém sabe - apenas Deus.

- Não é uma boa resposta, para um mestre.

- É uma resposta honesta. Conheço muita gente que irá explicar-lhe em detalhes a razão da existência. Não acredite, são pessoas ainda presas à antiga linguagem, e só acreditam nas coisas que tem explicação.

- Quer dizer que não há uma razão para viver?

- Você não entendeu o que estou dizendo. Eu disse que não sei a razão. Mas claro que existe um motivo para estar aqui, e Deus o conhece.

- Por que não nos revela?

- Revela a cada um de nós, mas numa linguagem que as vezes não aceitamos, porque ela não é lógica - e estamos por demais acostumados a receitas e fórmulas.

“O nosso coração sabe por que estamos aqui. Quem escutar o coração, seguir os sinais, e viver sua Lenda Pessoal, vai entender que está participando de algo, mesmo que não compreenda racionalmente. Diz a tradição que, no segundo antes da nossa morte, a gente se dá conta da verdadeira razão da existência. E neste momento, nasce o Inferno e o Paraíso.

- Não entendi.

- O Inferno é, nesta fração de segundo, olhar para trás e saber que desperdiçamos uma oportunidade de honrar a Deus e dignificar o milagre da vida. O Paraíso é poder dizer, neste momento: “Cometi alguns erros, mas não fui covarde: vivi minha vida, e fiz o que devia fazer. “ Tanto o Inferno como o Paraíso irão nos acompanhar por muito tempo, mas não para sempre.

- Como posso saber se estou vivendo minha vida?

- Porque, ao invés de amargura, você sente entusiasmo. Essa é a única diferença. De resto, há que respeitar o Mistério, e aceitar - com humildade - que Deus tem um plano para nós. Um plano generoso, que nos conduz em direção a Sua presença, e que justifica estes milhões de estrelas, planetas, buracos negros, etc. que estamos vendo nesta noite, aqui em Oslo (estávamos na Noruega) .

- É muito difícil viver sem uma explicação.

- Você pode explicar porque o homem necessita de dar e receber amor? Não. E você vive com isso, não vive? Não apenas você vive com

isso, como é a coisa mais importante da vida: o amor. E não existe explicação nenhuma.

“ Da mesma forma, tampouco há explicação para a vida. Mas existe uma razão para estarmos aqui, e você precisa ser humilde o suficiente para aceitar isso. Confie em minhas palavras; a vida de cada um dos seres humanos tem um sentido, embora ele cometa o erro de passar grande parte do seu tempo na terra buscando uma resposta, enquanto se esquece de viver.

“Posso lhe dar um exemplo de uma época em que cheguei perto de entender tudo isso. Eu tinha comparecido à festa de comemoração dos 50 anos da minha formatura do ginásio. Ali, na escola onde estudei enquanto adolescente, encontrei muitos amigos. Bebemos, fizemos as mesmas piadas de meio século atrás.

“Em um dado momento, olhei para o pátio da escola. Então, me vi criança, brincando com eles, olhando a vida com surpresa e intensidade. De repente, aquela criança que eu fui pareceu ganhar forma e se aproximou de mim.

“ Me olhou nos olhos, e sorriu. Então, eu entendi que não havia traído os meus sonhos de infância. Que a criança que tinha sido um dia, ainda estava orgulhosa de mim. Que a mesma razão que eu tinha para viver quando criança, continuava viva em meu coração.

“ Procure viver com a mesma intensidade de uma criança. Ela não pede explicações; mergulha em cada dia como se fosse uma aventura diferente e, de noite, dorme cansada e feliz”.

A lenda pessoal

- O que é a Lenda Pessoal?

- É a sua benção, o caminho que Deus escolheu para você aqui na Terra. Sempre que um homem faz aquilo que lhe dá entusiasmo, está seguindo sua Lenda. Acontece que nem todos tem coragem de enfrentar-se com os próprios sonhos.

- Por que razão?

- Existem quatro obstáculos. O primeiro: ele escuta, desde criança, que tudo o que desejou viver é impossível. Cresce com essa idéia, e a medida que acumula anos, acumula também camadas de preconceitos, medos, culpas. Chega um momento em sua Lenda Pessoal está tão enterrada em sua alma, que não consegue mais vê-la. Mas ela permanece ali.

“Se ele tem coragem de desenterrar seus sonhos, então enfrenta o segundo obstáculo: o amor. Já sabe o que deseja fazer, mas pensa que irá ferir aqueles que estão à sua volta, se largar tudo para seguir seus sonhos. Não entende que o amor é um impulso extra, e não algo que o impede de seguir adiante. Não entende que aqueles que realmente lhe desejam bem, estão torcendo para que seja feliz, e estão prontos para acompanhá-los nesta aventura.

“Depois de aceitar que o amor é um estímulo, o homem está diante do terceiro obstáculo: o medo das derrotas que irá encontrar em seu caminho. Um homem que luta pelo seu sonho, sofre muito mais quando algo não dá certo, porque não tem a famosa desculpa: “ah, na verdade eu não queria bem isso... ” Ele quer, sabe que ali está apostando tudo, e sabe também que o caminho da Lenda Pessoal é tão difícil como qualquer outro caminho - com a diferença que nesta jornada está o seu coração. Então, um guerreiro da luz precisa estar preparado para ter paciência nos momentos difíceis, e saber que o Universo está conspirando a seu favor, mesmo que ele não entenda.

- As derrotas são necessárias?

- Necessárias ou não, elas acontecem. Quando começa a lutar por seus sonhos, o homem não tem experiência, e comete muitos erros. Mas o segredo da vida é cair sete vezes, e levantar-se oito vezes.

- Por que é tão importante viver a Lenda Pessoal, se vamos sofrer mais que os outros?

- Porque, depois de superada as derrotas - e sempre as superamos - nos sentimos com muito mais euforia e confiança. No silêncio do coração, sabemos que estamos sendo dignos do milagre da vida. Cada dia, cada hora, é parte do Bom Combate. Passamos a viver com entusiasmo e

prazer. O sofrimento muito intenso e inesperado termina passando mais rápido que o sofrimento aparentemente tolerável: este se arrasta por anos, e vai corroendo nossa alma sem que percebamos o que está acontecendo - até que um dia já não podemos nos livrar da amargura, e ela nos acompanha o resto de nossas vidas.

- E qual é o quarto obstáculo?

- Depois de desenterrar seu sonho, usar a força do amor para apoiá-lo, passar muitos anos convivendo com as cicatrizes, o homem nota - do dia para a noite - que o que sempre desejou está ali, a sua espera, talvez no dia seguinte. Então vem o quarto obstáculo: o medo de realizar o sonho pelo qual lutou toda a sua vida.

- Isso não faz o menor sentido.

- Oscar Wilde dizia: "a gente sempre destrói aquilo que mais ama". E é verdade. A simples possibilidade de conseguir o que deseja faz com que a alma do homem comum encha-se de culpa. Ele olha a sua volta, e vê que muitos não conseguiram, e então acha que não merece. Esquece tudo o que superou, tudo que sofreu, tudo que teve que renunciar para chegar até onde chegou. Conheço muita gente que, ao ter a Lenda Pessoal ao alcance da mão, fez uma série de bobagens e terminou sem chegar até seu objetivo - quando faltava apenas um passo.

"Este é o mais perigoso dos obstáculos, porque tem uma certa aura de santidade: renunciar à alegria e à conquista. Mas se o homem entende que é digno daquilo pelo qual lutou tanto, então ele se transforma num instrumento de Deus, ajuda a Alma do Mundo, e entende por que está aqui".

A estratégia

- Bernard Shaw é que está certo - disse J. - Ele afirmou que as pessoas têm um prazer mórbido passar todos os dias se queixando das condições em que vivem. Penso como ele: os verdadeiros homens e mulheres são os que procuram as condições ideais, e - se não conseguem encontrá-las - terminam por criá-las.

- Como se criam as condições necessárias?

- Um chinês, há milhares de anos, já escreveu sobre isso: respeitando cinco pontos fundamentais. Entretanto, antes de falar destes cinco pontos, é preciso dizer que o ponto de partida é o respeito por si mesmo. Podemos conseguir qualquer coisa, mas não podemos conseguir tudo; então é preciso saber exatamente o que desejamos.

- Como sabemos o que desejamos?

- Quando nos sentimos bem ao realizar determinada tarefa. Conseqüentemente, tudo aquilo que nos faz perder o entusiasmo e o respeito por nós mesmos é nocivo; mesmo que signifique poder, dinheiro, ou sucesso. Já ví muita gente sendo sufocada pelo sucesso, cometendo erros que terminavam destruindo o trabalho de anos, entregando-se a bebedeiras monumentais, tornando-se agressivos, rigorosos, amargos. Estas pessoas estão longe de si mesmas, e longe dos outros.

- Voltemos ao chinês.

- O chinês escreveu um livro sobre a guerra, mas os cinco pontos que ele relaciona ali aplicam-se a qualquer tarefa realizada pelo ser humano.

“O primeiro item: a lei da vontade. Acabamos de falar sobre ela: só devemos fazer aquilo que realmente enche o nosso coração de entusiasmo. Se deixamos isso de lado, se adiamos o momento de viver aquilo que sonhamos, perdemos a energia necessária para qualquer transformação importante em nossas vidas. Alguém já disse, de maneira muito apropriada: “eu não conheço o segredo do sucesso - mas o segredo do fracasso é tentar sempre fazer a vontade dos outros”.

“O segundo item: a lei das estações. Assim como uma guerra travada no inverno exige um comportamento e equipamento diferentes de uma guerra no verão, o ser humano precisa aprender a respeitar suas próprias estações, não tentando agir no momento de esperar, não tentando esperar no momento de agir. Entretanto, para poder progredir em qualquer coisa, ele precisa dar o primeiro passo - a partir daí, seu ritmo pessoal e sua intuição vão lhe indicar como conservar sua energia.

“O terceiro item: a lei da geografia. Uma batalha em um desfiladeiro é diferente de uma travada no campo: da mesma maneira, só consegue

condições favoráveis aquela pessoa que presta atenção ao que está acontecendo à sua volta, o espaço que está ocupando, o que tem que fazer para ampliá-lo, onde pode ser encurralada, como pode escapar se precisar recuar um pouco.

“O quarto item: a lei dos aliados. Ninguém pode lutar sozinho; são necessários amigos que nos dêem força na hora que precisamos, gente que nos aconselhe sem medo do que vamos pensar. Como diz um poeta, “nenhum pássaro pode voar alto, se usar apenas suas próprias asas.”

“Finalmente, o quinto item: a lei da criatividade. Só existe uma maneira de entender as coisas - é quando tentamos mudá-las. Nem sempre conseguimos, mas terminamos aprendendo, porque buscamos um caminho não percorrido - e o mundo está cheio destes caminhos. O problema é que todos têm muito medo das florestas virgens, dos mares nunca navegados, já que o desconhecido dá a sensação de que podemos nos perder.

“Mas ninguém se perde - porque a mão de Deus misericordioso sempre está sobre a cabeça dos homens e mulheres corajosos, que ousam ser diferentes porque acreditam em seus sonhos.

O trabalho

- Você tem procurado me fazer entender que é preciso prestar atenção à vida, as pessoas, a tudo que acontece a nossa volta. E eu tenho a sensação de que tudo que você faz é trabalhar (nesta época, J. era executivo de uma multinacional holandesa).

- Ao invés de responder diretamente a sua pergunta prefiro citar um trecho do poeta indiano Tagore: “Eu dormi e achei que a vida era Alegria/ Acordei e descobri que a vida era Dever / Cumpri meu dever e descobri que ele era Alegria.” Na verdade, através do meu trabalho eu descubro a vida, as pessoas, e tudo que acontece à nossa volta.

“ A única armadilha que preciso me dar conta, é não achar que um dia é igual ao outro. Na verdade, toda manhã traz em si um milagre escondido, e precisamos prestar atenção a este milagre.”

- O que é o dever?

- Uma palavra misteriosa, que pode ter dois significados opostos: a ausência de entusiasmo, ou a compreensão de que precisamos dividir nosso amor com mais de uma pessoa. No primeiro caso, estamos sempre dando uma desculpa para não aceitar nossa responsabilidade; no segundo caso, o dever transforma-se em uma espécie de devoção, de amor irrestrito pela condição humana, e passamos a lutar por aquilo que queremos que aconteça.

“Isso eu procuro através do meu trabalho: dividir meu amor. O amor é também uma coisa misteriosa: quanto mais dividimos, mais se multiplica.”

- Mas o trabalho, na Bíblia, é considerado como uma espécie de maldição que Deus joga no ser humano. Quando Adão comete o pecado original, escuta do Todo-Poderoso: “em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. No suor do teu rosto comerás o teu pão.”

- Neste momento, Deus está colocando o Universo em movimento. Até então, tudo é lindo, paradisíaco - mas nada evolui, e, como acabamos de conversar, Adão passa a crer que um dia é igual ao outro. A partir daí, ele perde o sentido do milagre de sua própria existência; então o Senhor, olhando sua criação, entende que é preciso ajudá-lo a reconquistar este sentido.

«É necessário ler esta frase de maneira positiva: o cansaço virará o sustento, o suor será o tempero do pão. E assim, tudo irá convergir de volta à perfeição, mas antes Adão, e os seres humanos, precisam percorrer o caminho da compreensão mútua.»

- Por que um dos grandes sonhos do ser humano é poder, um dia, deixar de trabalhar?

- Porque não sabe o que é ficar meses, anos sem fazer nada. Ou porque não ama o que faz; ninguém deseja separar-se de uma mulher que ama, ninguém quer parar de fazer aquilo que gosta. Ou então porque carece de dignidade quando se propõe a fazer algo - esqueceu que o trabalho foi criado para ajudar o homem, e não para humilhá-lo.

«A esse respeito, há uma interessante história no livro «As 1001 Noites»: o califa Alrum Al-Rachid resolveu construir um palácio que marcasse a grandeza de seu reino. Reuniu as melhores obras de arte, desenhou os jardins, selecionou pessoalmente o mármore e os tapetes.

Ao lado do terreno escolhido, havia uma choupana. Al-Rachid pediu ao seu ministro que convencesse o dono - um velho tecelão - a vendê-la, para ser demolida.

O ministro tentou, sem êxito; o velho disse que não queria desfazer-se dela.

Ao saber da decisão do velho, o Conselho da Corte sugeriu que simplesmente o expulsassem do lugar.

- Não - respondeu Al-Rachid. - Ela passará a fazer parte do meu legado ao meu povo. Quando virem o palácio, eles dirão: ele foi um homem que trabalhou para mostrar a beleza de nossa cultura.

«E, quando virem a choupana, dirão: ele foi justo, porque respeitou o trabalho dos outros.»

« O mundo sempre parece ameaçador e perigoso para os covardes. Estes procuram a segurança mentirosa de uma vida sem grandes desafios, e se armam até os dentes para defender aquilo que julgam possuir. Os covardes são vítimas do próprio egoísmo, e terminam construindo as grades da própria prisão.»

A linguagem dos sinais

- O que é a linguagem dos sinais?

- Todo homem tem uma maneira pessoal de comunicar-se com Deus e com sua própria alma.

- Então, o homem não precisa da religião?

- As religiões são muito importantes, porque nos permitem adorar de forma coletiva, e compartilhar dos mesmos mistérios. Mas a busca espiritual é responsabilidade de cada um: se você afastar-se do seu caminho, nada vai adiantar ficar culpando o padre, o imã, o rabino, o pastor - a responsabilidade é sua. Por isso existe um alfabeto que sua alma entende, e que vai mostrando as melhores decisões em seu caminho.

- Como aprender esta linguagem?

- Como qualquer outra. Primeiro, com disciplina para educar-se a notar o sinal. Depois, com coragem para praticar a língua. Terceiro, nunca ter medo de errar enquanto pratica.

- O que faz com que a gente muitas vezes siga o sinal errado.

- Claro. Só assim aprendemos os sinais certos.

- Você podia me dar um exemplo de um sinal?

- Não. A linguagem é individual, como disse antes. Se começamos a generalizar os sinais, eles se transformam em superstição.

“Muitos mestres já cometeram o erro de usar os seus sinais para guiar seus discípulos. O que acontece é que, quando as pessoas começam sua busca espiritual, entram num mar desconhecido, e sentem-se inseguras. Então procuram agarrar-se à primeira mão que lhes é estendida - e ao fazer isso, estão deixando de lado a aventura, para tornar-se escravas da mão que as guia. “

- Como posso ter certeza que estou diante de um sinal verdadeiro?

- Você nunca pode. Mas, em geral, se começar a enxergar este mundo além das convenções, verá que sua intuição começa a conduzi-lo em direção à melhor escolha - por mais absurda que pareça. Aos poucos, esta linguagem se incorpora a você e, embora continue errando de vez em quando, já está em paz com sua alma, e toma as decisões corretas.

“Muitas vezes o sinal é mais prático do que imaginamos, e a propósito disso, vou lhe contar uma história.

“Um homem sonhou certa vez com um anjo, que lhe dizia: amanhã vai começar a chover, sua aldeia será inundada, mas você será salvo.

“Efetivamente, no dia seguinte começou a chover. Uma equipe de socorro visitou casa por casa, evacuando os habitantes, já que havia risco

de inundação. Todos saíram, menos aquele homem, que dizia à defesa civil: “Eu sonhei com um anjo, e ele disse que seria salvo.”

“Um dia depois, a água já cobria o primeiro andar das casas. Uma segunda equipe de socorro foi tentar resgatar o homem, que de novo se recusou a sair, alegando que tinha recebido o sinal de um anjo, e precisava mostrar sua fé ao mundo.

“No terceiro dia, a situação já era crítica, e o homem estava sozinho, encarrapitado no telhado da casa - enquanto a água subia sem parar. Num esforço desesperado, uma equipe de resgate tentou mais uma vez retirá-lo dali, mas de novo ele se negou, chamando-os de demônios, gritando que queriam obrigá-lo a negar o sinal do anjo.

“Pouco tempo depois, a água cobriu o telhado, e o homem morreu afogado. Como era um ótimo cristão, foi para o Céu, e encontrou São Pedro, que o convidou para entrar. O homem recusou-se, dizendo que Deus o havia enganado; tinha enviado um anjo dizendo que ele seria salvo, quando na verdade fora o único habitante da aldeia que havia morrido.

“São Pedro disse que Deus não mentia, e prometeu voltar com explicações. Entrou no Paraíso e retornou meia hora depois, dizendo:

“Realmente Deus mandou um anjo para avisar-lhe que seria salvo. Mas disse que o senhor recusou, por três vezes, o socorro que Ele lhe enviou sob a forma de equipes de resgate!””

A tragédia

- Por que existe tanta tragédia e tanta miséria no mundo?

- A tragédia e a miséria são coisas diferentes, e assuntos muito longos. Sobre qual dos dois prefere conversar?

- No momento, sobre a tragédia. Por que o homem sofre?

- Dê uma lida na Bíblia e verá o seguinte trecho: "o que é bom, vem de Ti, oh meu Senhor. O que é mau, também vem de Ti, meu Senhor. Portanto, o que hei de temer?"

- Mesmo assim, sofremos.

- Sem dúvida. Mas leve em consideração o seguinte: de dez problemas que temos, nove são criados por nós mesmos - através da culpa, da auto-punição, da auto-piedade. Entretanto, de vez em quando, aparece um grande obstáculo em nosso caminho, que ali foi colocado por Deus, e que tem uma única razão. Esta razão é: dar-nos uma oportunidade de mudar tudo, de caminhar adiante.

"O que é a tragédia? Uma mudança radical em nossas vidas, sempre ligado ao mesmo princípio: a perda. O sofrimento é sempre resultado de uma perda, seja de alguém ou de algo - como a saúde, a beleza, ou as condições financeiras.

"Quando você está diante de uma perda, não adianta tentar recuperar o que já se foi. Por outro lado, um grande espaço foi aberto em sua vida - ali está, vazio, esperando ser preenchido com algo novo. No momento da perda, por mais contraditório que pareça, você está ganhando uma grande fatia de liberdade.

"Mas a maioria dos homens, diante da tragédia, preenche este espaço com dor e amargura. Não pensa jamais que existem outras maneiras de encarar o inevitável."

- Como por exemplo?

- Em primeiro lugar, aprendendo a grande lição dos sábios: a paciência, a certeza de que tudo - bom ou mau - é provisório nesta vida. Em segundo lugar, utilizando esta súbita mudança de rumo para arriscar seus dias em novas coisas, que sempre sonhou fazer.

- Isso está claro no que se refere a coisas materiais. Mas e a morte de alguém?

- Quanto a morte, já conversamos muito, e você sabe que ela não existe para aquele que se foi - esta pessoa está desfrutando as delícias de uma transformação radical. A sensação de morte existe apenas para aquele que fica aqui. Todo ente querido, ao partir, se transforma em nosso protetor - depois de passado o período da saudade, devemos nos alegrar

porque estamos mais protegidos. Da mesma maneira, um dia estaremos do outro lado, protegendo as pessoas que amamos aqui.

- E aqueles a quem odiamos...

- Exatamente o que você imagina. Ficam presos à nós pelo sentimento da amargura. Por isso Jesus disse: “antes de ir ao templo, volta e perdoa o teu irmão.” É preciso estar sempre lavando a alma com a água do perdão.

- Voltando à tragédia...

- Existe algo que é impossível medir: a intensidade da dor. Sabemos que uma pessoa está sofrendo porque ela nos conta, mas não podemos avaliar exatamente o quanto. Muitas vezes tentamos comparar a atitude de uma pessoa diante da tragédia, e terminamos por julgá-la mais forte ou mais fraca do que realmente é. Não compare a dor alheia com nada; só quem está sofrendo sabe pelo que está passando.

“Portanto, quando a tragédia inevitável aparece, é preciso lembrar estes três pontos: aproveitar a liberdade da perda, não julgar a dor, e aprender a arte da paciência. Ela vai destruir 9/10 daquilo que você é, mas o 1/10 que ficar lhe transformará numa pessoa infinitamente mais forte.”

Chapter 2

Castañeda e o ânimo do guerreiro

Carlos Castañeda foi um autor que marcou a minha geração - embora nunca tenha sido considerado pelo sistema acadêmico como alguém que merecesse atenção. Em sua homenagem, publico uma seleção de seus textos mais importantes:

O mais difícil neste mundo é adotar o ânimo e a atitude de um guerreiro. De nada serve ficar triste, queixar-se, sentir-se injustiçado, e acreditar que alguém está nos fazendo algo negativo. Ninguém está fazendo nada, muito menos a um guerreiro.

Não importa como fomos criados. O que determina nosso modo de agir é a maneira como administramos a nossa vontade. Um homem é a soma de todas as suas vontades, que determinam sua maneira de viver e morrer.

A vontade é um sentimento, um talento, algo que nos dá entusiasmo. A vontade é algo que se adquire - mas para isso é necessário lutar a vida inteira.

Desde o instante em que nascemos, as pessoas nos dizem que o mundo é assim, ou assado, desta ou daquela maneira. É natural que - durante um certo período - terminemos por acreditar naquilo que nos dizem. Mas logo precisamos deixar estes conceitos de lado, e descobrir nossa própria maneira de ver a realidade.

A humildade de um guerreiro não é a mesma humildade de um homem servil. O guerreiro não abaixa a cabeça para ninguém, mas tampouco permite que alguém se incline diante dele. O homem servil, por outro lado, se ajoelha diante de qualquer pessoa que considere mais poderosa, e exige que as pessoas sob seu comando tenham o mesmo comportamento diante dele.

O mal das palavras é que elas nos fazem sentir como se estivessemos iluminados, compreendendo tudo. Mas, quando nos viramos e enfrentamos o mundo, vemos que a realidade é completamente diferente daquilo que discutimos ou escutamos. Por causa disso, um guerreiro procura agir, e perde seu tempo em conversas inúteis. Através da ação, ele descobre o significado do que se passa no seu dia-a-dia, toma decisões criativas e originais.

O homem comum pensa que entregar-se às dúvidas e às preocupações é um sinal de sensibilidade, de espiritualidade. Agindo assim, fica distante do verdadeiro sentido da vida, pois sua razão diminuta o converte no santo ou no monstro que imagina ser, e antes que se dê conta, está preso na armadilha que criou para si mesmo. Este tipo de gente adora que alguém lhes diga o que deve fazer, mais gosta mais ainda de não seguir os bons conselhos - só para aborrecer a alma generosa que, em dado momento, preocupou-se com ele.

Só um guerreiro pode suportar o caminho do conhecimento. Um guerreiro não se queixa nem se lamenta de nada, não acha que os desafios são bons ou maus. Os desafios são simplesmente desafios.

O mundo é insondável e misterioso, e assim somos todos nós. A arte do guerreiro consiste em equilibrar o terror de ser um homem, com a maravilha de ser um homem.

Três histórias do misticismo iraniano

O turbante de Nasrudin

Nasrudin apareceu na corte com um magnífico turbante, pedindo dinheiro para caridade.

- você veio me pedir dinheiro, e está usando um ornamento muito caro na cabeça. Quanto custou esta peça extraordinária? - perguntou o soberano.

- Quinhentas moedas de ouro - respondeu o sábio sufi.

O ministro sussurrou: «É mentira. Nenhum turbante custa esta fortuna».

Nasrudin insistiu:

- Não vim aqui só para pedir, vim também para negociar. Paguei tanto dinheiro pelo turbante, porque sabia que, em todo o mundo, apenas um soberano seria capaz de compra-lo por seiscentas moedas, para que eu pudesse dar o lucro aos pobres.

O sultão, lisonjeado, pagou o que Nasrudin pedia. Na saída, o sábio comentou com o ministro:

-Você pode conhecer muito bem o valor de um turbante, mas sou eu quem conhece até onde a vaidade pode levar um homem.

Igual ao casamento

Nasrudin passou o outono inteiro semeando e preparando seu jardim. As flores se abriram na primavera -e Nasrudin reparou alguns dentes-de-leão, que não havia plantado.

Nasrudin arrancou-os. Mas o pólen já estava espalhado, e outros tornaram a crescer. Ele procurou um veneno que atingisse apenas os dentes-de-leão. Um técnico disse-lhe que qualquer veneno ia terminar matando as outras flores. Desesperado, pediu ajuda a um jardineiro.

- É igual ao casamento - comentou o jardineiro. - Junto com coisas boas, terminam sempre vindo algumas poucas inconveniências.

- Que faço? - insistiu Nasrudin.

- Nada. Mesmo sendo flores que você não planejou ter, fazem parte do jardim.

Aceitando a compaixão

- Como purificamos o mundo?- perguntou um discípulo.

Ibn al-Husayn respondeu:

- Havia um sheik em Damasco chamado Abu Musa al-Qumasi. Todos o honravam por causa de sua sabedoria, mas ninguém sabia se era um homem bom.

«Certa tarde, um defeito de construção fez com que desabasse a casa onde o sheik vivia com a sua mulher. Os vizinhos, desesperados, começaram a cavar as ruínas; em dado momento, conseguiram localizar a esposa do sheik.

«Ela disse: «Deixem-me. Salvem primeiro o meu marido, que estava sentado mais ou menos ali».

«Os vizinhos removeram os destroços no lugar indicado, e encontraram o sheik. Este disse:» Deixem-me. Salvem primeiro a minha mulher, que estava deitada mais ou menos ali.»

«Quando alguém age como agiu este casal, está purificando o mundo inteiro».

Três histórias judaicas

A menor constituição do mundo

Um grupo de sábios judeus reuniu-se para tentar criar a menor Constituição do mundo. Se alguém fosse capaz de definir - no espaço de tempo que um homem leva para equilibrar-se em um só pé - as leis que deviam reger o comportamento humano, este seria considerado o maior de todos os sábios.

- Deus pune os criminosos - disse um.

Os outros argumentaram que isto não era uma lei, mas uma ameaça; a frase não foi aceita.

- Deus é amor - comentou outro.

De novo, os sábios não aceitaram a frase, dizendo que ela não explicava direito os deveres da humanidade.

Neste momento, aproximou-se o rabino Hillel. E, colocando-se num só pé, disse:

- Não faça com seu próximo aquilo que você detestaria que fizessem com você; esta é a Lei. Todo o resto é comentário jurídico.

E o rabino Hillel foi considerado o maior sábio de seu tempo.

Tapando o sol com a mão

Um discípulo procurou o rabino Nahman de Braslaw:

- Não continuarei mais meus estudos dos textos sagrados - disse. - Moro numa pequena casa com meus irmãos e pais, e nunca encontro as condições ideais para concentrar-me no que é importante.

Nahman apontou o sol, e pediu que seu discípulo colocasse a mão na frente do rosto, de modo a ocultá-lo. O discípulo fez isto.

- Sua mão é pequena, e no entanto conseguiu cobrir totalmente a força, a luz e a magestade do imenso sol. Da mesma maneira, os pequenos problemas conseguem lhe dar a desculpa necessária para não seguir adiante em sua busca espiritual.

«Assim como a mão tem o poder de esconder o sol, a mediocridade tem o poder de esconder a luz interior. Não culpe os outros por sua própria incompetência.»

Parece muito óbvio

Perguntaram ao rabino Ben Zoma:

- Quem é sábio?
- Aquele que encontra sempre algo a aprender com os outros - disse o rabino.
- Quem é forte?
- O homem que é capaz de dominar a si mesmo.
- Quem é rico?
- O que conhece o tesouro que tem: seus dias e suas horas de vida, que podem modificar tudo que acontece a sua volta.
- Quem merece respeito?
- Quem respeita a si mesmo e ao seu próximo.
- Isto tudo são coisas óbvias - comentou um dos presentes.
- Por isso são tão difíceis de serem observadas - concluiu o rabino.

Chapter 5

A segunda chance

- Sempre fui fascinado pela história dos livros Sibilinos - eu comentava com Mônica, minha amiga e agente literária, enquanto viajávamos de carro para Portugal. - É preciso aproveitar as oportunidades, ou elas se perdem para sempre.

As Sibilas, feiticeiras capazes de prever o futuro, viviam na antiga Roma. Um belo dia, uma delas apareceu no palácio do imperador Tibério com nove livros; disse que ali estava o futuro do Império, e pediu dez talentos de ouro pelos textos. Tibério achou caríssimo e não quis comprar.

A sibila saiu, queimou três livros, e voltou com os seis restantes. "São dez talentos de ouro", disse. Tibério riu, e mandou-a embora; como tinha coragem de vender seis livros pelo mesmo preço de nove?

A sibila queimou mais três livros e voltou para Tibério com os únicos três volumes que restavam: "custam os mesmos dez talentos de ouro". Intrigado, Tibério terminou comprando os três volumes, e só pode ler uma pequena parte do que futuro.

Quando terminei de contar a história, me dei conta que estávamos passando por Ciudad Rodrigo, na fronteira de Espanha com Portugal. Ali, quatro anos antes, um livro me havia sido oferecido, e eu não comprei.

- Vamos parar. Creio que o fato de ter me lembrado dos livros Sibilinos, foi um sinal para corrigir um erro do passado.

Na primeira viagem de divulgação de meus livros na Europa, resolvera almoçar naquela cidade. Depois, fui visitar a catedral, e encontrei um padre. "Veja como o sol da tarde faz tudo mais bonito aqui dentro", disse ele. Gostei do comentário, conversamos um pouco, e ele me guiou pelos altares, claustros, jardins interiores do templo. No final, ofereceu-me um livro que havia escrito sobre a igreja; mas eu não quis comprar. Quando saí, senti-me culpado; sou escritor, e estava na Europa tentando vender meu trabalho - por que não comprar o livro do padre, por solidariedade? Mas esqueci o episódio. Até aquele momento.

Parei o carro; Mônica e eu nos encaminhamos para a praça em frente à igreja, onde uma mulher olhava o céu.

- Boa tarde. - Vim aqui encontrar um padre que escreveu um livro sobre esta igreja.

- O padre, que se chamava Stanislau, morreu faz um ano- respondeu ela.

Senti uma imensa tristeza. Por que eu não tinha dado ao padre Stanislau a mesma alegria que eu sentia quando via alguém com um dos meus livros?

- Foi um dos homens mais bondosos conheci - continuou a mulher.- Vinha de uma família humilde, mas chegou a tornar-se um especialista em arqueologia; ajudou a conseguir para meu filho uma bolsa no colégio.

Contei a ela o que fazia ali.

- Não se culpe à toa, meu filho - disse. -Vá visitar de novo a catedral.

Achei que era um sinal, e fiz o que ela mandava. Havia apenas um padre num confessionário, esperando os fiéis que não vinham. Dirigi-me para ele; o padre fez sinal que me ajoelhasse, mas eu o interrompi.

- Não quero me confessar. Vim apenas comprar um livro sobre esta igreja, escrito por um homem chamado Stanislau.

Os olhos do padre brilharam. Ele saiu do confessionário e voltou minutos depois com um exemplar.

- Que alegria você ter vindo só por isso! - disse. - Sou irmão do padre Stanislau, e isto me enche de orgulho! Ele deve estar no céu, contente por ver que seu trabalho tem importância!

Com tantos padres ali, eu tinha encontrado justamente o irmão de Stanislau. Paguei o livro, agradeci, ele me abraçou. Quando eu já ia saindo, escutei sua voz.

- Veja como o sol da tarde faz tudo mais bonito aqui dentro! - disse.

Eram as mesmas palavras que o padre Stanislau me dissera quatro anos antes. Sempre há uma segunda chance na vida.

Reflexões sobre 11 de Setembro 2001

Só em março de 2002 resolvi escrever sobre o assunto. Evitei tocar no tema imediatamente, de modo que cada um pudesse refletir, a sua maneira, sobre as conseqüências dos atentados.

No dia em questão, eu me encontrava em Munich, pronto para ir até a livraria onde tinha uma tarde de autógrafos, quando a representante da minha editora bateu à porta do meu quarto:

- Ligue a TV! Urgente!

Em todos os canais, a cena era a mesma: uma torre do World Trade Center já em chamas, o próximo avião aproximando-se, novo incêndio, e o colapso dos dois edifícios. A calamidade do dia 11 de setembro de 2001, que ninguém esquecerá onde, como, e com quem estava, quando o ataque terrorista aconteceu.

É sempre muito difícil aceitar que uma tragédia possa, de alguma maneira, trazer resultados positivos. Quando vimos, horrorizados, o que mais parecia ser um filme de ficção científica - as torres desabando e carregando na queda milhares de pessoas, tivemos duas sensações imediatas: a primeira, um sentimento de impotência e terror diante do que estava acontecendo. A segunda sensação: o mundo nunca mais seria o mesmo.

Foi com estes sentimentos na alma que desliguei a TV, e caminhei até o lugar onde - supostamente - deveria acontecer uma tarde de autógrafos. Estava convencido que ninguém iria aparecer, já que as próximas horas seriam passadas em busca de razões, notícias, detalhes. Cruzei as ruas desertas de Munich; embora fosse 4 horas da tarde, as pessoas tinham se aglomerado nos bares onde rádios e TVs estavam ligados, procurando convencer a elas mesmas que tudo aquilo era uma espécie de sonho do qual iriam acordar mais cedo ou mais tarde, comentando com seus amigos que as vezes a raça humana está sujeita a pesadelos que costumam ser muito parecidos.

Ao chegar na livraria, para minha surpresa, centenas de leitores me esperavam. Não conversavam, não diziam nada - era um silêncio que vinha do fundo da alma, vazio de significados. Aos poucos, entendi o que faziam ali: em um momento como estes, é bom estar com os outros, porque não se sabe o que pode acontecer dali em diante. Aos poucos, todos nós nos davamos conta que aquilo não era um pesadelo, mas algo real e palpável, que - a partir de agora - iria fazer parte da história de nossa civilização.

É sobre isso que gostaria de escrever, no final deste ano tão conturbado. O mundo nunca mais será o mesmo, é verdade - mas, passados já quase quatro meses daquela tarde, será que ainda resta a sensação de que todas aquelas pessoas morreram em vão? Ou alguma coisa além de morte, poeira, e aço retorcido, pode ser encontrada debaixo dos escombros do World Trade Center?

Creio que todo ser humano, em algum momento, termina por ver uma tragédia cruzar sua vida; podia ser a destruição de uma cidade, a morte de um filho, uma acusação sem provas, uma doença que aparece sem aviso e traz a invalidez permanente. A vida é um risco constante, e quem se esquece disso, jamais estará preparado para os desafios do destino. Quando estamos diante da inevitável dor que cruza o nosso caminho, então somos obrigados a buscar um sentido para o que está acontecendo.

Por melhor que sejamos, por mais corretos que procuremos viver nossas vidas, as tragédias acontecem. Podemos culpar os outros, procurar justificativas, imaginar como teria sido diferente nossas vidas sem elas. Mas nada disto tem importância: elas já aconteceram, e pronto. A partir daí, o que se faz necessário é rever a nossa própria vida, superar o medo, e dar início ao processo de reconstrução.

A primeira coisa que devemos fazer, quando estamos diante do sofrimento e da insegurança, é aceita-los como tal. Não podemos trata-los como algo que não nos diz respeito, nem transforma-los em uma punição que satisfaça o nosso eterno sentimento de culpa. Nos escombros do World Trade Center estavam pessoas como nós, que se sentiam seguras ou infelizes, realizadas ou lutando para crescer, com família que as esperava em casa, ou desesperadas pela solidão da grande cidade. Eram americanos, ingleses, alemães, brasileiros, japoneses, gente de todos os cantos do mundo, unidas pelo destino comum - e misterioso - de se encontrarem por volta das 9:00 horas da manhã em um mesmo lugar, que era bonito para alguns, e opressivo para outros. Quando as duas torres desabaram, não foram apenas estas pessoas que morreram: todos nós morremos um pouco, e o mundo inteiro ficou menor.

Há alguns anos, no Japão, um grupo de estudantes de Zen budismo estava reunido numa casa de campo, quando o caseiro chegou - contando uma tragédia nas redondezas: uma casa incendiou-se, deixando mãe e filha desabrigados. Imediatamente, uma das estudantes iniciou uma coleta, para ajudar a família a reconstruir sua casa.

Entre os presentes estava um escritor pobre, e a moça resolveu não lhe pedir nada. "Um momento", disse o escritor, quando ela ia passando adiante. "Também quero dar algo".

No minuto seguinte, escreveu num papel o que havia acontecido, e colocou-o dentro do pote que estava sendo usado para arrecadar o dinheiro. "Quero dar a todos esta tragédia. Que ela seja sempre lembrada quando pensarmos nos pequenos incidentes de nossas vidas".

No caso dos atentados do dia 11 de setembro, acho que recebemos outras coisas além deste sentimento - aceitar que, por pior que seja, nossa vida é muito melhor que a da maioria dos seres humanos. Por mais difícil que seja aceitar o que aconteceu, é preciso entender que momentos como esse nos dão a possibilidade de uma mudança radical em nosso comportamento.

Quando estamos diante de uma grande perda, seja ela material, espiritual, ou psicológica, não adianta tentar recuperar o que já se foi. Por outro lado, um grande espaço foi aberto em nossas vidas, e ali está, vazio, esperando ser preenchido com algo novo. No momento da perda, por mais contraditório que pareça, estamos ganhando ganhando uma grande fatia de liberdade. Ao invés de preencher este espaço vazio com dor e amargura, existem outras maneiras de encarar o mundo.

Em primeiro lugar, precisamos nos lembrar a grande lição dos sábios: a paciência, a certeza de que tudo é provisório nesta vida. Partindo daí, então vamos rever os nossos valores: se, por muitos anos, o mundo jamais voltará a ser a um lugar seguro, por que não usar esta súbita mudança, e arriscar nossos dias em coisas que sempre desejamos fazer, mas que não tínhamos coragem, já que acreditávamos que era preciso seguir "um ritmo normal de vida", pois tudo estava sob controle? Quantas pessoas, naquela manhã do dia 11 de setembro, estavam no World Trade Center contra a própria vontade, tentando seguir uma carreira que não era a delas, fazendo um trabalho que não gostavam, apenas porque ali era um lugar seguro, e poderia garantir dinheiro suficiente para a aposentadoria e a velhice?

Essa foi a grande mudança do mundo, e os que foram enterrados sob os escombros dos dois edifícios, não morreram em vão. Eles agora nos fazem pensar sobre nossas próprias vidas, nossos valores, e nos

empurram adiante, em direção ao destino que sonhamos para nós mesmos, embora jamais tivéssemos coragem de enfrenta-lo. Quando as torres caír por terra, elas carregaram consigo sonhos e esperanças, mas também abriram o nosso próprio horizonte, e deixaram que cada um de nós refletisse sobre o sentido de nossas vidas.

Então, é chegado o momento de reconstruir não apenas as Torres, mas também a nós mesmos; e é justamente aí e que nossa atitude diante do que nos espera fará toda a diferença. Conta uma velha história que, logo depois dos bombardeios em Dresden, um homem passou por um terreno cheio de escombros e viu tres operários trabalhando.

- O que vocês estão fazendo? - perguntou.

O primeiro operário virou-se:

- Não está vendo? Eu estou removendo estas pedras!

Insatisfeito com a resposta, ele dirigiu-se ao segundo operário.

- Não está vendo? Eu estou ganhando o meu salário! - foi a resposta.

O transeunte continuava sem saber o que acontecia naquele terreno, e resolveu insistir pela última vez. Virou-se para o terceiro homem, e mais uma vez repetiu sua pergunta.

- Não está vendo? - disse o terceiro operário. - Eu estou reconstruindo uma catedral!

Embora as tres pessoas estivessem fazendo a mesma coisa, apenas uma tinha a verdadeira dimensão do sentido de sua vida e da sua obra. Esperemos que, no mundo que virá depois do dia 11 de setembro de 2001, cada um de nós seja capaz de levantar-se dos seus próprios escombros emocionais, e reconstruir a catedral que sempre sonhamos, mas que jamais ousamos criar.

Vôo de Belgrado para Barcelona

No jornal, um texto que recorto e coloco na maleta de mão. O autor é W. Timothy Gallway:

«Quando plantamos uma roseira, notamos que ela fica dormindo muito tempo no seio da terra, mas ninguém ousa critica-la, dizendo: «voce não tem raízes profundas» ou «falta entusiasmo na sua relação com o campo». Ao contrário, nós a tratamos com paciência, água, e adubo.

«Quando a semente se transforma em muda, não passa pela cabeça de ninguém condena-la como frágil, imatura, incapaz de nos brindar imediatamente com as rosas que estamos esperando. Ao contrário: nos maravilhamos com o processo do nascimento das folhas, seguido dos botões, e, no dia em que as flores aparecem, nosso coração se enche de alegria.

«Entretanto, a rosa é a rosa desde o momento em que colocamos a semente na terra, até o instante em que, passado seu período de esplendor, termina murchando e morrendo. A cada estágio que atravessa - semente, broto, botão, flor - expressa o melhor de si.

« Também nós, em nosso crescimento e constante mutação, passamos por vários estágios: vamos aprender a reconhecê-los, antes de criticar a lentidão de nossas mudanças.»

Brissac, França

Durante minha estada no castelo alugado por uma revista brasileira, um jornalista da região vem me entrevistar. No meio da conversa, assistida por outras pessoas, ele quer saber:

- Qual foi a melhor pergunta que um reporter já lhe fez?

Melhor pergunta? Acho que já me fizeram TODAS as perguntas, menos a que ele acaba de fazer. Peço tempo para pensar, estudo as muitas coisas que queria dizer e nunca quiseram saber. Mas no final, confesso:

- Acho que foi exatamente esta. Já tive perguntas que me recusei a comentar, outras que me permitiram falar sobre temas interessantes, mas esta é a única que não tenho como responder com sinceridade.

O jornalista anota. E diz:

- Vou lhe contar uma interessante história. Certa vez, fui entrevistar Jean Cocteau. Sua casa era um verdadeiro amontoado de bibelôs, quadros, desenhos de artistas famosos, livros, Cocteau guardava tudo, e tinha um profundo amor por cada uma daquelas coisas. Foi então que, no meio da entrevista, eu resolvi perguntar: «se esta casa começasse a pegar fogo agora, e você só pudesse levar uma coisa consigo, o que escolheria?»

- E o que Cocteau respondeu? - pergunta Alvaro Teixeira, responsável pelo castelo onde estamos, e grande estudioso da vida do artista francês.

- Cocteau respondeu: «Eu levaria o fogo».

E ali ficamos todos, em silêncio, aplaudindo no íntimo do coração a resposta tão brilhante.

O presente dos insultos

Perto de Tokyo vivia um grande samurai, já idoso, que agora se dedicava a ensinar o zen budismo aos jovens. Apesar de sua idade, corria a lenda de que ainda era capaz de derrotar qualquer adversário.

Certa tarde, um guerreiro - conhecido por sua total falta de escrúpulos - apareceu por ali. Era famoso por utilizar a técnica da provocação: esperava que seu adversário fizesse o primeiro movimento e, dotado de uma inteligência privilegiada para reparar os erros cometidos, contra-atacava com velocidade fulminante.

O jovem e impaciente guerreiro jamais havia perdido uma luta. Conhecendo a reputação do samurai, estava ali para derrotá-lo, e aumentar sua fama.

Todos os estudantes se manifestaram contra a idéia, mas o velho aceitou o desafio.

Foram todos para a praça da cidade, e o jovem começou a insultar o velho mestre. Chutou algumas pedras em sua direção, cuspiu em seu rosto, gritou todos os insultos conhecidos - ofendendo inclusive seus ancestrais. Durante horas fez tudo para provocá-lo, mas o velho permaneceu impassível. No final da tarde, sentindo-se já exausto e humilhado, o impetuoso guerreiro retirou-se.

Desapontados pelo fato de que o mestre aceitara tantos insultos e provocações, os alunos perguntaram:

- Como o senhor pode suportar tanta indignidade? Por que não usou sua espada, mesmo sabendo que podia perder a luta, ao invés de mostrar-se covarde diante de todos nós?

- Se alguém chega até você com um presente, e você não o aceita, a quem pertence o presente? - perguntou o samurai.

- A quem tentou entregá-lo - respondeu um dos discípulos.

- O mesmo vale para a inveja, a raiva, e os insultos - disse o mestre. - Quando não são aceitos, continuam pertencendo a quem os carregava consigo.

Chapter 10

Onde está o guarda-chuva

Ao cabo de dez anos de aprendizagem , Zenno achava que já podia ser elevado à categoria de mestre zen. Em um dia chuvoso, foi visitar o famoso professor Nan-in.

Ao entrar na casa de Nan-in, este perguntou:

- Você deixou o seu guarda-chuva e os seus sapatos do lado de fora?
- Evidente - respondeu Tenno. - É o que manda a boa educação. Eu agiria assim maneira em qualquer lugar.
- Então me diga: voce colocou o guarda-chuva do lado direito ou do lado esquerdo dos seus sapatos?
- Não tenho a menor idéia, mestre.
- O zen budismo é a arte da consciencia total do que fazemos - disse Nan-in. - A falta de atenção nos pequenos detalhes pode destruir por completo a vida de um homem. Um pai que sai correndo de casa, nunca pode esquecer um punhal ao alcance do seu filho pequeno. Um samurai que não olha todos os dias a sua espada, terminará encontrando-a enferrujada quando mais precisar dela. Um jovem que esquece de dar flores a sua amada, vai acabar por perde-la.

E Zenno compreendeu que, embora conhecesse bem as técnicas zen do mundo espiritual, havia se esquecido de aplica-las no mundo dos homens.

Viajando de maneira diferente

Desde de muito jovem descobri que a viagem era, para mim, a melhor maneira de aprender. Continuo até hoje com esta alma de peregrino, e decidi relatar nesta coluna algumas das lições que aprendi, esperando que possam ser úteis a outros peregrinos como eu.

1] Evite os museus. O conselho pode parecer absurdo, mas vamos refletir um pouco juntos: se você está numa cidade estrangeira, não é muito mais interessante ir em busca do presente que do passado? Acontece que as pessoas sentem-se obrigadas a ir a museus, porque aprenderam desde pequeninas que viajar é buscar este tipo de cultura. É claro que museus são importantes, mas exigem tempo e objetividade - você precisa saber o que deseja ver ali, ou vai sair com a impressão de que viu uma porção de coisas fundamentais para a sua vida, mas não se lembra quais são.

2] Freqüente os bares. Ali, ao contrário dos museus, a vida da cidade se manifesta. Bares não são discotecas, mas lugares onde o povo vai, toma algo, pensa no tempo, e está sempre disposto a uma conversa. Compre um jornal e deixe-se ficar contemplando o entra-e-sai. Se alguém puxar assunto, por mais bobo que seja, engate a conversa: não se pode julgar a beleza de um caminho olhando apenas sua porta.

3] Esteja disponível. O melhor guia de turismo é alguém que mora no lugar, conhece tudo, tem orgulho de sua cidade, mas não trabalha em uma agência. Saia pela rua, escolha a pessoa com quem deseja conversar, e peça informações (onde fica tal catedral? Onde estão os Correios?) Se não der resultado, tente outra - garanto que no final do dia irá encontrar uma excelente companhia.

4] Procure viajar sozinho, ou - ser for casado - com seu cônjuge. Vai dar mais trabalho, ninguém vai estar cuidando de você(s), mas só desta maneira poderá realmente sair do seu país. As viagens em grupo são uma maneira disfarçada de estar numa terra estrangeira, mas falando a sua língua natal, obedecendo o que manda o chefe do rebanho,

preocupando-se mais com as fofocas do grupo do que com o lugar que se está visitando.

5] Não compare. Não compare nada - nem preços, nem limpeza, nem qualidade de vida, nem meio de transportes, nada! Você não está viajando para provar que vive melhor que os outros - sua procura, na verdade, é saber como os outros vivem, o que podem ensinar, como se enfrentam com a realidade e com o extraordinário da vida.

6] Entenda que todo mundo lhe entende. Mesmo que não fale a língua, não tenha medo: já estive em muitos lugares onde não havia maneira de me comunicar através de palavras, e terminei sempre encontrando apoio, orientação, sugestões importantes, e até mesmo namoradas. Algumas pessoas acham que, se viajarem sozinhas, vão sair na rua e se perder para sempre. Basta ter o cartão do hotel no bolso, e - numa situação extrema - tomar um táxi e mostrá-lo ao motorista.

7] Não compre muito. Gaste seu dinheiro com coisas que não vai precisar carregar: boas peças de teatro, restaurantes, passeios. Hoje em dia, com o mercado global e a Internet, você pode ter tudo sem precisar pagar excesso de peso.

8] Não tente ver o mundo em um mês. Mais vale ficar numa cidade quatro a cinco dias, que visitar cinco cidades em uma semana. Uma cidade é uma mulher caprichosa, precisa de tempo para ser seduzida e mostrar-se completamente.

9] Uma viagem é uma aventura. Henry Miller dizia que é muito mais importante descobrir uma igreja que ninguém ouviu falar, que ir a Roma e sentir-se obrigado a visitar a Capela Sixtina, com duzentos mil turistas gritando nos seus ouvidos. Vá à Capela Sixtina, mas deixe-se perder pelas ruas, andar pelos becos, sentir a liberdade de estar procurando algo que não sabe o que é, mas que - com toda certeza - irá encontrar em mudará a sua vida.

Chapter 12

Duas histórias sobre o futuro

Que sejamos esquecidos

No mosteiro de Sceta, o abade Lucas reuniu os frades para o sermão.

- Que vocês jamais sejam lembrados - disse ele.

- Mas como? - respondeu um dos irmãos. - Sera' que nosso exemplo não pode ajudar quem está precisando?

- No tempo em que todo mundo era justo, ninguém prestava atenção nas pessoas exemplares - respondeu o abade. -

Todos davam o melhor de si, sem pretender, com isso, cumprir seu dever com o irmão. Amavam ao seu próximo porque entendiam que isto era parte da vida, e não estavam fazendo nada de especial em respeitar com uma lei da natureza. Dividiam seus bens para não terem que ficar acumulando mais do que podiam carregar, já que as viagens duravam a vida inteira. Viviam juntos em liberdade, dando e recebendo, sem nada a cobrar ou culpar nos outros. Porisso seus feitos não foram contados, e eles não deixaram nenhuma história.

“ Quem dera, pudessemos conseguir a mesma coisa no presente: fazer do bem uma coisa tão comum, que não haja qualquer necessidade de exaltar aqueles que o praticaram.”

Como nivelar o mundo

Confúcio viajava com seus discípulos quando soube que, numa aldeia, vivia um menino muito inteligente. Confúcio foi até lá conversar com ele e, brincando, perguntou:

- Que tal se voce me ajudasse a acabar com as desigualdades?

- Por que acabar com as desigualdades? - disse o menino. - Se achatarmos as montanhas, os pássaros não terão mais abrigo. Se acabarmos com a profundidade dos rios e dos mares, todos os peixes morrerão. Se o chefe da aldeia tiver a mesma autoridade que o louco, ninguém se entenderá direito. O mundo é muito vasto, deixa-lo com suas diferenças.

Os discípulos saíram dali impressionados com a sabedoria do menino. Quando já se encaminhavam para outra cidade, um deles comentou que todas as crianças deviam ser assim.

- Conheci muitas crianças que, ao invés de estar brincando e fazendo coisas de sua idade, procuravam entender o mundo - disse Confúcio. - E nenhuma destas crianças precoces conseguiu fazer algo importante mais tarde, porque jamais experimentaram a inocência e a sadia irresponsabilidade da infância.

Chapter 13

Reflexões do Guerreiro da Luz

Na medida certa

O guerreiro da luz sabe reconhecer um inimigo mais forte que ele.

Se resolver enfrentá-lo, será imediatamente destruído. Se aceitar suas provocações, cairá na armadilha.

Então, ele usa a diplomacia para superar a difícil situação em que se encontra. Quando o inimigo age como um bebê, ele faz o mesmo. Quando o chama para o combate, ele finge-se de desentendido.

Os amigos comentam: “ é um covarde”.

Mas o guerreiro não liga para o comentário; sabe que toda a raiva e coragem de um pássaro são inúteis diante do gato.

Em situações como esta, o guerreiro tem paciência. Logo o inimigo partirá para provocar outros.

No tempo certo

Um guerreiro da luz, nunca tem pressa. O tempo trabalha a seu favor; ele aprende a dominar a impaciência, e evita gestos impensados.

Andando devagar, nota a firmeza de seus passos. Sabe que participa de um momento decisivo da história da humanidade, e precisa mudar a si mesmo antes de transformar o mundo. Por isso lembra-se das palavras de Lanza del Vasto: “uma revolução precisa de tempo para se instalar”.

Um guerreiro da luz nunca colhe o fruto enquanto ele ainda está verde.

Na velocidade certa

Um guerreiro da luz precisa de paciência e rapidez ao mesmo tempo. Os dois maiores erros de uma estratégia são: agir antes da hora, ou deixar que a oportunidade passe longe.

Para evitar isto, o guerreiro trata cada situação como se fosse única, e não aplica fórmulas, receitas, ou opiniões alheias.

O califa Moaiyat perguntou a Omr Ben Al-Aas qual era o segredo de sua grande habilidade política:

“Nunca me meti em assunto sem ter estudado previamente a retirada; por outro lado, nunca entrei e quis logo sair correndo”, foi a resposta.

Na tolerância certa

Um guerreiro da luz sempre mantém o seu coração limpo do sentimento de ódio. Quando caminha para a luta, lembra-se de que disse Cristo: “amai vossos inimigos”.

E o guerreiro obedece.

Mas sabe que o ato de perdoar não o obriga a aceitar tudo. Um guerreiro não pode abaixar a cabeça - senão perde de vista o horizonte de seus sonhos.

O guerreiro nota que os adversários estão ali para testar sua bravura, sua persistência, sua capacidade de tomar decisões. São uma benção - porque eles que o obrigam a lutar por seus sonhos.

É a experiência do combate que fortalece o guerreiro da luz.

Da leitura certa

O guerreiro da luz conhece a importância de sua intuição.

No meio da batalha, ele não tem tempo para pensar nos golpes do inimigo - então usa seu instinto, e obedece ao seu anjo.

Nos tempos de paz, ele decifra os sinais que Deus lhe envia.

As pessoas dizem: "está louco".

Ou então: "vive num mundo de fantasia".

Ou ainda: "como pode confiar em coisas que não tem lógica?"

Mas o guerreiro sabe que a intuição é o alfabeto de Deus, e continua escutando o vento e falando com as estrelas.

Da escolha certa

“Sim”, o guerreiro escuta alguém dizer. “Eu preciso entender tudo, antes de tomar uma decisão. Quero ter a liberdade de mudar de idéia.”

O guerreiro olha com desconfiança esta frase. Também ele pode ter a mesma liberdade, mas isto não o impede de assumir um compromisso, mesmo que não compreenda exatamente porque fez isto.

Um guerreiro da luz toma decisões. Sua alma é livre como as nuvens no céu, mas ele está comprometido com seu sonho. Em seu caminho livremente escolhido, tem que acordar em horas que não gosta, falar com gente que não lhe acrescenta nada, fazer alguns sacrifícios.

Os amigos comentam: “você se sacrifica a toa. Você não é livre.”

O guerreiro é livre. Mas sabe que forno aberto não cozinha pão.

Da renúncia certa

“Em qualquer atividade, é preciso saber o que se deve esperar, os meios de alcançar o objetivo, e a capacidade que temos para a tarefa proposta.

“Só pode dizer que renunciou aos frutos aquele que, estando assim equipado, não sente qualquer desejo pelos resultados da conquista, e permanece absorvido no combate.

“Pode-se renunciar ao fruto, mas esta renúncia não significa indiferença ao resultado”.

O guerreiro da luz escuta com respeito a estratégia de Gandhi. E não se deixa confundir por pessoas que, incapazes de chegar a qualquer resultado, vivem pregando a renúncia.

Lutando com quem ama

O guerreiro da luz as vezes luta com quem ama.

Aprendeu que o silêncio significa o equilíbrio absoluto do corpo, do espírito, e da alma. O homem que preserva a sua unidade, jamais é dominado pelas tempestades da existência; tem forças para ultrapassar as dificuldades e seguir adiante.

Entretanto, muitas vezes sente-se desafiado por aqueles a quem procura ensinar a arte da espada. Seus discípulos o provocam para um combate.

E o guerreiro mostra sua capacidade: com alguns golpes, lança as armas dos alunos por terra, e a harmonia volta ao local onde se reúnem.

“Por que fazer isto, se és tão superior?”, pergunta um viajante.

“Porque, desta maneira, mantenho o diálogo”, responde o guerreiro.

Chapter 14

A lei e as frutas

No deserto, as frutas eram raras. Deus chamou um dos seus profetas, e disse:

- «Cada pessoa só pode comer uma fruta por dia.»

O costume foi obedecido por gerações, e a ecologia do local foi preservada. Como as frutas restantes davam sementes, outras árvores surgiram. Em breve, toda aquela região transformou-se num solo fértil, invejado pelas outras cidades.

O povo, porém, continuava comendo uma fruta por dia - fiel à recomendação que um antigo profeta tinha passado aos seus ancestrais. Além do mais, não deixava que os habitantes das outras aldeias se aproveitassem da farta colheita que acontecia todos os anos.

O resultado era um só: as frutas apodreciam no chão.

Deus chamou um novo profeta e disse:

- Deixe que comam as frutas que queiram. E peça que dividam a a fartura com seus vizinhos.

O profeta chegou na cidade com a nova mensagem. Mas terminou sendo apedrejado - já que o costume estava arraigado no coração e na mente de cada um dos habitantes.

Com o tempo, os jovens da aldeia começaram a questionar aquele costume bárbaro. Mas, como a tradição dos mais velhos era intocável, eles resolveram afasta-se da religião. Assim, podiam comer quantas frutas queriam, e dar o restante para os que necessitavam de alimento.

Na igreja local, só ficaram os que se achavam santos. Mas que, na verdade, eram pessoas incapazes de enxergar que o mundo se transforma, e que nós devemos nos transformar com ele.

Chapter 15

Uma lenda árabe da criação

No seu “Livro do Fantasma”, Alejandro Dolina associa a história da areia à uma das lendas da criação do povo árabe.

Diz ele que, assim que terminou de construir o mundo, um dos anjos advertiu o Todo-Poderoso que se esquecera de colocar areia na Terra; grave defeito, se considerarmos que os seres humanos estariam privados para sempre de caminhar junto aos mares, massageando seus pés cansados e sentindo o contacto com o chão.

Além disso, o fundo dos rios seria sempre ríspido e pedregoso, os arquitetos não poderiam usar um material indispensável, as pegadas dos namorados seriam invisíveis; disposto a remediar seu esquecimento, Deus enviou o Arcanjo Gabriel com uma enorme bolsa, para que derramasse areia em todos os lugares que fosse necessário.

Gabriel fez as praias, o leito dos rios, e quando voltava para o céu trazendo o material que havia sobrado, o Inimigo - sempre atento, sempre disposto a estragar a obra do Todo-Poderoso - conseguiu fazer um furo na bolsa, que arrebentou, derramando todo o seu conteúdo. Isso aconteceu no lugar que é hoje a Arábia, e quase toda a região se transformou num imenso deserto.

Gabriel, desolado, foi pedir desculpas ao Senhor, por ter deixado que o Inimigo se aproximasse sem ser visto. E Deus, em Sua infinita sabedoria, resolveu recompensar o povo árabe pelo erro involuntário do seu mensageiro.

Criou para eles um céu cheio de estrelas, como não existe em nenhum outro lugar do mundo, para que sempre olhassem para o alto.

Criou o turbante, que - debaixo do sol do deserto - é muito mais valioso que uma coroa.

Criou a tenda, permitindo que as pessoas se movessem de um lugar para o outro, sempre tendo novas paisagens ao redor, e sem as obrigações aborrecidas de manutenção de palácios.

Ensinou o povo a forjar o melhor aço para a espada. Criou o camelo. Desenvolveu a melhor raça de cavalos.

E lhe deu algo mais precioso que estas e todas as outras coisas juntas: a palavra, o verdadeiro ouro dos árabes. Enquanto os outros povos modelavam os metais e as pedras, os povos da Arábia aprendiam a modelar o verbo.

Ali, o poeta passou a ser sacerdote, juiz, médico, chefe dos beduínos. Seus versos possuem poder: podem trazer alegria, tristeza, saudade. Podem desencadear a vingança e a guerra, unir os amantes, reproduzir o canto dos pássaros.

E conclui Alejandro Dolina:

“Os erros de Deus, como os de grandes artistas, ou dos verdadeiros enamorados, desencadeiam tantas compensações felizes, que as vezes vale a pena desejá-los”.

Chapter 16

Um homem deitado no chão

No dia 1 de julho, as 13:05 hs., havia um homem de aproximadamente cinqüenta anos, deitado no calçadão de Copacabana. Eu passei por ele, lancei um rápido olhar, e continuei meu caminho em direção a uma barraca onde sempre costumo beber água de côco.

Como carioca, já cruzei, centenas (milhares?) de vezes por homens, mulheres ou crianças deitadas no chão. Como alguém que costuma viajar, já vi a mesma cena em praticamente todos os países onde estive - da rica Suécia à miserável Romênia. Vi pessoas deitadas no chão em todas as estações do ano: no inverno cortante de Madrid, Nova York ou Paris, onde ficam perto do ar quente que sai das estações de metrô. No sol escaldante do Líbano, entre os edifícios destruídos por anos de guerra. Pessoas deitadas no chão - bêbadas, desabrigadas, cansadas - não constituem novidade na vida de ninguém.

Tomei minha água de côco. Precisava voltar rápido, pois tinha uma entrevista com Juan Arias, do jornal espanhol El País. No meu caminho de volta, vi que o homem continuava ali, debaixo do sol - e todos que passavam agiam exatamente como eu: olhavam, e seguiam adiante.

Acontece que - embora eu não soubesse disso - minha alma já estava cansada de ver esta mesma cena, tantas vezes.

Quando tornei a passar por aquele homem, algo mais forte do que eu me fez ajoelhar, e tentar levantá-lo.

Ele não reagia. Eu virei sua cabeça, e havia sangue perto de sua têmpora. E agora? Era um ferimento sério? Limpei sua pele com a minha camiseta: não parecia nada grave.

Neste momento, o homem começou a murmurar qualquer coisa como "pede para eles não me baterem." Bem, ele estava vivo; agora eu precisava tirá-lo do sol, e chamar a polícia.

Eu parei o primeiro homem que passou, e pedi que me ajudasse a arrastá-lo até a sombra entre o calçadão e a areia. Ele estava de terno,

pasta, embrulhos, mas deixou tudo de lado e veio me ajudar - sua alma também já devia estar cansada de ver aquela cena.

Uma vez colocado o homem na sombra, fui andando em direção à minha casa - sabia que havia uma cabine de PM, e poderia pedir ajuda ali. Mas antes de chegar até lá, cruzei com dois soldados.

- Tem um homem machucado, diante do numero tal - disse. - Coloquei-o na areia. Seria bom mandar uma ambulância.

Os policiais disseram que iam tomar providências. Pronto, eu havia cumprido meu dever. Escoteiro, sempre alerta. A boa ação do dia! O problema agora estava em outras mãos, elas que se responsabilizassem. E o jornalista espanhol estaria chegando em minha casa em alguns minutos.

Não tinha dado dez passos, e um estrangeiro me interrompeu. Falou em português confuso:

- Eu já tinha avisado a polícia sobre o homem na calçada. Eles disseram que, desde que não seja um ladrão, não é problema deles.

Eu não deixei que o homem terminasse de falar. Voltei até os guardas, convencido de que sabiam quem eu era, que escrevia em jornais, aparecia em televisão. Voltei com a falsa impressão de que o sucesso, em alguns momentos, ajuda a resolver muitas coisas.

- O senhor é alguma autoridade? - perguntou um deles, notando que eu pedia ajuda de maneira mais incisiva.

Não tinham idéia de quem eu fosse.

- Não. Mas nós vamos a resolver este problema agora.

Eu estava mal vestido, camiseta manchada com o sangue do homem, bermudas cortadas de uma antiga calça jeans, suado. Eu era um homem comum, anônimo, sem qualquer autoridade além do meu cansaço de ver gente deitada no chão, durante dezenas de anos de minha vida, sem jamais ter feito absolutamente nada.

E isso mudou tudo. Tem um momento, que você está além de qualquer bloqueio ou medo. Tem um momento em que seus olhos ficam diferentes, e as pessoas entendem que você está falando sério. Os guardas foram comigo, e chamaram a ambulância.

Na volta para casa, recordei as três lições daquela caminhada. a] todo mundo pode parar uma ação quando ela ainda é puro romantismo. b] sempre há alguém para dizer: "agora que começaste, vá até o final." E finalmente: c] todo mundo é autoridade, quando está absolutamente convencido do que faz.

Chapter 17

Os contos dos padres do deserto

Durante o início da era cristã, o mosteiro de Sceta tornou-se o centro de convergência de muita gente que, depois de renunciar ao que tinha, iamorar no deserto que circundava o mosteiro. Muitos dos ensinamentos desteshomens foram coletados, e publicados em diversos livros.

O Caminho do meio

O monge Lucas, acompanhado de um discípulo, atravessava uma aldeia. Um velho perguntou ao asceta:

- Santo homem, como me aproximo de Deus?
- Divirta-se. Louve o Criador com sua alegria - foi a resposta.

Os dois continuaram a caminhar. Neste momento, um jovem aproximou-se.

- O que faço para me aproximar de Deus?
- Não se divirta tanto - disse Lucas.

Quando o jovem partiu, o discípulo comentou:

- Parece que o senhor não sabe direito se devemos ou não devemos nos divertir.

- A busca espiritual é uma ponte sem corrimão atravessando um abismo - respondeu Lucas. - Se alguém está muito perto do lado direito, eu digo 'para a esquerda!' Se aproximam-se do lado esquerdo, eu digo 'para a direita!'. Os extremos nos afastam do Caminho.

A cidade do outro lado

Um eremita do mosteiro de Sceta se aproximou do Abade Teodoro:

- Sei exatamente qual o objetivo da vida. Sei o que Deus pede ao homem, e conheço a melhor maneira de servi-Lo. E, mesmo assim, sou incapaz de fazer aquilo tudo que devia estar fazendo para servir ao Senhor.

O abade Teodoro ficou um longo tempo em silencio. Finalmente disse:

- Você sabe que existe uma cidade do outro lado do oceano. Mas ainda não encontrou o navio, não colocou sua bagagem a bordo, e não cruzou o mar. Por que ficar comentando como ela é, ou como devemos caminhar por suas ruas?

“Saber o objetivo da vida, ou conhecer a melhor maneira de servir ao Senhor, não basta. Coloque em prática o que você está pensando, e o caminho se mostrará por si mesmo”.

Comporte-se como os outros

O Abade Pastor caminhava com um monge de Sceta, quando foram convidados para comer. O dono da casa, honrado pela presença dos padres, mandou servir o que havia de melhor.

Entretanto, o monge estava no período de jejum; assim que a comida chegou, pegou uma ervilha, e mastigou-a lentamente.

Só comeu esta ervilha, durante todo o jantar.

Na saída, o abade Pastor chamou-o:

- Irmão, quando for visitar alguém, não torne a sua santidade uma ofensa. Da próxima vez que estiver em jejum, não aceite convites para jantar.

O monge entendeu o que o abade Pastor dizia. A partir daí, sempre que estava com outras pessoas, se comportava como elas.

O trabalho na lavoura

O rapaz cruzou o deserto, e chegou finalmente ao mosteiro de Sceta, perto de Alexandria. Ali, pediu para assistir uma das palestras do abade - e recebeu permissão.

Naquela tarde, o abade discorreu sobre a importância do trabalho na lavoura.

No final da palestra, o rapaz disse a um dos monges:

- Fiquei muito impressionado. Achei que ia encontrar um sermão iluminado sobre as virtudes e os pecados, e o abade só falava de tomates, irrigação, e coisas assim. Do lugar onde venho, todos acreditam que Deus é misericórdia: basta rezar.

O monge sorriu, e respondeu:

- Aqui, nós acreditamos que Deus já fez a parte Dele; agora cabe a nós continuar o processo.

Julgando o meu próximo

Um dos monges de Sceta cometeu uma falta grave, e chamaram o ermitão mais sábio para que pudesse julgá-la.

O ermitão se recusou, mas insistiram tanto, que ele terminou por ir. Chegou ali carregando nas costas um balde furado, de onde escorria areia.

- Vim julgar meu próximo - disse o ermitão para o superior do convento. - Meus pecados estão escorrendo detrás de mim, como a areia escorre deste balde. Mas, como não olho para trás, e não me dou conta dos meus próprios pecados, fui chamado para julgar meu próximo!

Os monges desistiram da punição na mesma hora.

A maneira de agradar ao Senhor

Certo noviço procurou o abade Macário, e pediu conselhos sobre a melhor maneira de agradar ao Senhor.

- Vá até o cemitério e insulte os mortos - disse Macário.

O irmão fez o que foi ordenado. No dia seguinte, voltou a Macário.

- Eles responderam? - perguntou o abade

O noviço disse que não.

- Então vá até lá, e elogie-os.

O noviço obedeceu. Naquela mesma tarde, voltou até o abade, que de novo quis saber se os mortos haviam respondido.

- Não - disse o noviço.

- Para agradar ao Senhor, comporte-se da mesma maneira - comentou Macário. - Não conte nem com o desprezo dos homens, nem com seus louvores; desta maneira, você pode construir o seu próprio caminho.

Chapter 18

Reflexão de um explorador do Kanchenjunga

De um explorador do monte Kanchenjunga:

“Eu subi a montanha mais alta da minha terra, e pude ver o mundo todo que a cercava. Enquanto eu estive ali, eu pude ver mais do que consigo dizer, e compreender mais do que sou capaz de exprimir.

“Se, entretanto, eu tivesse que definir melhor o que foram aqueles momentos no alto do Kanchenjunga, eu diria: visto lá do alto, todas as coisas - rios, arvores, neve, erva - pareciam uma coisa só, e meu coração se encheu de alegria, porque eu era parte de tudo aquilo. Quando entendi isso, mesmo sozinho no alto de uma montanha, entendi que estava junto de todas as coisas desta Terra”

Chapter 19

Em busca dos sinais

Podemos achar que tudo que a vida nos oferece amanhã é repetir o que fizemos ontem e hoje. Mas, se prestarmos atenção, vamos reparar que nenhum dia é igual ao outro.

Cada manhã traz uma benção escondida; uma benção que só serve para este dia, e que não pode ser guardada ou reaproveitada. Se não usarmos este milagre hoje, ele se perderá.

Este milagre está nos detalhes do cotidiano; é preciso viver, entendendo que a cada instante temos a saída para o problema, a maneira de encontrar o que está faltando, a pista certa para a decisão que precisa ser tomada para mudar todo o nosso futuro.

Mas como ter coragem para isso? No meu entender, Deus fala conosco através de sinais. É uma linguagem individual, que requer fé e disciplina para ser totalmente absorvida.

Santo Agostinho, por exemplo, foi convertido desta maneira. Durante anos procurou - em várias correntes filosóficas - uma resposta para o sentido da vida, até que certa tarde, no jardim de sua casa em Milão, refletindo sobre o fracasso de sua busca, escutou uma criança na rua, cantando: "Pega e lê! Pega e lê!"

Apesar de sempre ter sido governado pela lógica, resolveu - num impulso - abrir o primeiro livro ao seu alcance. Era a Bíblia, e ele leu um trecho de São Paulo - com as respostas que procurava. A partir daí, a lógica de Agostinho abriu espaço para que a fé também pudesse participar, e ele se transformou num dos maiores teólogos da Igreja.

Os monges do deserto afirmavam que era necessário deixar a mão dos anjos agir. Para isto, de vez em quando faziam coisas absurdas - como falar com flores ou rir sem razão. Os alquimistas seguem os "sinais de Deus"; pistas que muitas vezes não fazem sentido, mas que terminam levando a algum lugar.

“O homem moderno quis eliminar as incertezas e dúvidas de sua vida. E terminou por deixar sua alma morrendo de fome; a alma se alimenta de mistérios” - diz o deão da Catedral de São Francisco.

Existe um exercício de meditação que consiste em acrescentar - geralmente durante dez minutos por dia - um motivo para cada uma de nossas ações. Um exemplo: “eu agora leio o jornal porque quero me informar. Eu pensei agora em tal pessoa, porque tal assunto que li me levou a isto. Eu andei até a porta, porque vou sair de casa”. E daí por diante.

Buda chama isto de “atenção consciente”. Quando nos vemos repetindo a mais comum das rotinas, nos damos conta da riqueza que cerca nossa vida. Compreendemos cada passo, cada atitude. Descobrimos coisas importantes, e pensamentos inúteis.

No final de uma semana - a disciplina é sempre fundamental - estamos mais conscientes de nossas faltas e distrações, mas também entendemos que, em certos momentos, não havia nenhum motivo para agirmos como agimos, e seguimos nosso impulso, nossa intuição; é aí que começamos a compreender esta linguagem silenciosa que Deus usa para nos mostrar o caminho certo. Chamem de intuição, sinal, instinto, coincidência, não importa o nome - o que importa é que, através da “atenção consciente”, nos damos conta que estamos muitas vezes sendo guiados para a decisão certa.

E isso nos deixa mais confiantes e fortes.

Chapter 20

Três reflexões sobre a vida

Quando é preciso ser prático

A história seguinte é atribuída ao sábio Mohammed Gwath Shattari, um dos mais admirados pelo Imperador Humayun. Morreu em 1563, e existe um templo em sua homenagem em Gwalior.

Três viajantes cruzavam juntos as montanhas do Himalaia, discutindo a importância de colocar na prática tudo aquilo que aprenderam no plano espiritual. Estavam tão entretidos na conversa, que somente tarde da noite se deram conta que carregavam consigo apenas um pedaço de pão.

Resolveram não discutir sobre quem merecia come-lo; como eram homens piedosos, deixariam a decisão nas mãos dos deuses. Rezaram para que, durante a noite, um espírito superior indicasse quem receberia o alimento.

Na manhã seguinte, os três se levantaram junto com o nascer do sol.

- Eis o meu sonho - disse o primeiro viajante. - Eu fui carregado para lugares onde antes nunca estive, e experimentei a paz e a harmonia que tenho buscado em vão nesta minha vida terrena. No meio de tal paraíso, um sábio de longas barbas me dizia: "você é meu preferido, jamais buscou o prazer, sempre renunciou a tudo. Entretanto, para provar minha aliança contigo, gostaria que experimentasse um pedaço de pão."

- Muito estranho - disse o segundo viajante. - Porque, em meu sonho, e vi o meu passado de santidade, e o meu futuro de mestre. Enquanto olhava o que está por vir, encontrei um homem de grande sabedoria, dizendo: "você precisa comer mais que seus dois amigos, porque terá que liderar muita gente, e necessitará de força e energia."

Disse então o terceiro viajante:

- Em meu sonho eu não vi nada, não visitei lugar nenhum, não encontrei nenhum sábio. Entretanto, a determinada hora da noite, despertei de repente. E comi o pão.

Os outros dois ficaram furiosos:

- E porque não nos chamou antes de tomar esta decisão tão pessoal?

- Como poderia fazê-lo? Vocês estavam tão longe, encontrando mestres e tendo visões sagradas! Ontem discutimos a importância de se colocar em prática aquilo que aprendemos no plano espiritual. No meu caso, Deus agiu rápido, e me fez acordar morrendo de fome!

O que dirão de você

Quando jovem, Abin-Asar escutou uma conversa do seu pai com um dervixe.

“Cuidado com suas obras”, disse o dervixe. “Pense no que as gerações futuras irão falar de você”.

“E daí?”, respondeu o pai, “Quando eu morrer, tudo estará acabado, e não me importa o que dirão”.

Abin-Asar jamais esqueceu a conversa. Durante toda a sua vida, esforçou-se para fazer o bem, ajudar as pessoas e executar seu trabalho com entusiasmo. Tornou-se um homem conhecido por sua preocupação com os outros; ao morrer, tinha deixado um grande número de obras melhoraram o nível de vida de sua cidade.

Em seu túmulo, mandou gravar o seguinte epitáfio:

“Uma vida que termina com a morte, é uma vida que não valeu a pena”.

Os erros do passado

Durante uma viagem, Buda encontrou um yogue apoiado numa perna só.

“Queimo os erros do meu passado”, explicou o homem.

“E quantos erros já queimou?”

“Não tenho a menor idéia”.

“E quanto falta queimar?” insistiu Buda.

“Não tenho a menor idéia.”

“Então é hora de acabar com isto. Pare de pedir perdão a Deus, e vá pedir perdão a quem você feriu.”

Loved this book ?
Similar users also downloaded

Paulo Coelho

Guerreiro da Luz - Volume 1

"Guerreiro da Luz" é uma coleção de textos que, pela primeira vez, estão reunidos a partir da Internet escritos de Paulo Coelho.

No seu estilo inimitável, Paulo Coelho nos ajuda a descobrir o guerreiro da luz dentro de cada um de nós.

Nestes volumes os leitores são convidados para a viagem através da vida e da imaginação de um peregrino escritor.

Paulo Coelho

Guerreiro da Luz - Volume 3

"Guerreiro da Luz" é uma coleção de textos que, pela primeira vez, estão reunidos a partir da Internet escritos de Paulo Coelho.

No seu estilo inimitável, Paulo Coelho nos ajuda a descobrir o guerreiro da luz dentro de cada um de nós.

Nestes volumes os leitores são convidados para a viagem através da vida e da imaginação de um peregrino escritor.

Paulo Coelho

Histórias para os pais, filhos, e netos - Volume 1

falar da minha infância

explica importância do conto, origem dos textos

alguns textos inéditos, outros publicados

termina com história sobre importância da história

Paulo Coelho

Histórias para os pais, filhos, e netos - Volume 2

falar da minha infância

explica importância do conto, origem dos textos

alguns textos inéditos, outros publicados

termina com história sobre importância da história

Paulo Coelho

O Caminho Do Arco

"O caminho do arco" conta a história de Tetsuya, o melhor arqueiro do país, que transmite os seus ensinamentos a uma criança da sua aldeia. O trabalho e esforço diário, o ultrapassar de dificuldades, a constância e a valentia para tomar decisões arriscadas são aspectos que vão surgindo ao longo do relato. Paulo Coelho soube expressar nestas páginas muitos dos valores que regem o nosso dia a dia. Inovação, flexibilidade, adaptação à

mudança, entusiasmo, trabalho em equipe são qualidades que
pomos à sua disposição com o intuito de aperfeiçoar o nosso
“caminho do arco”.



www.feedbooks.com
Food for the mind